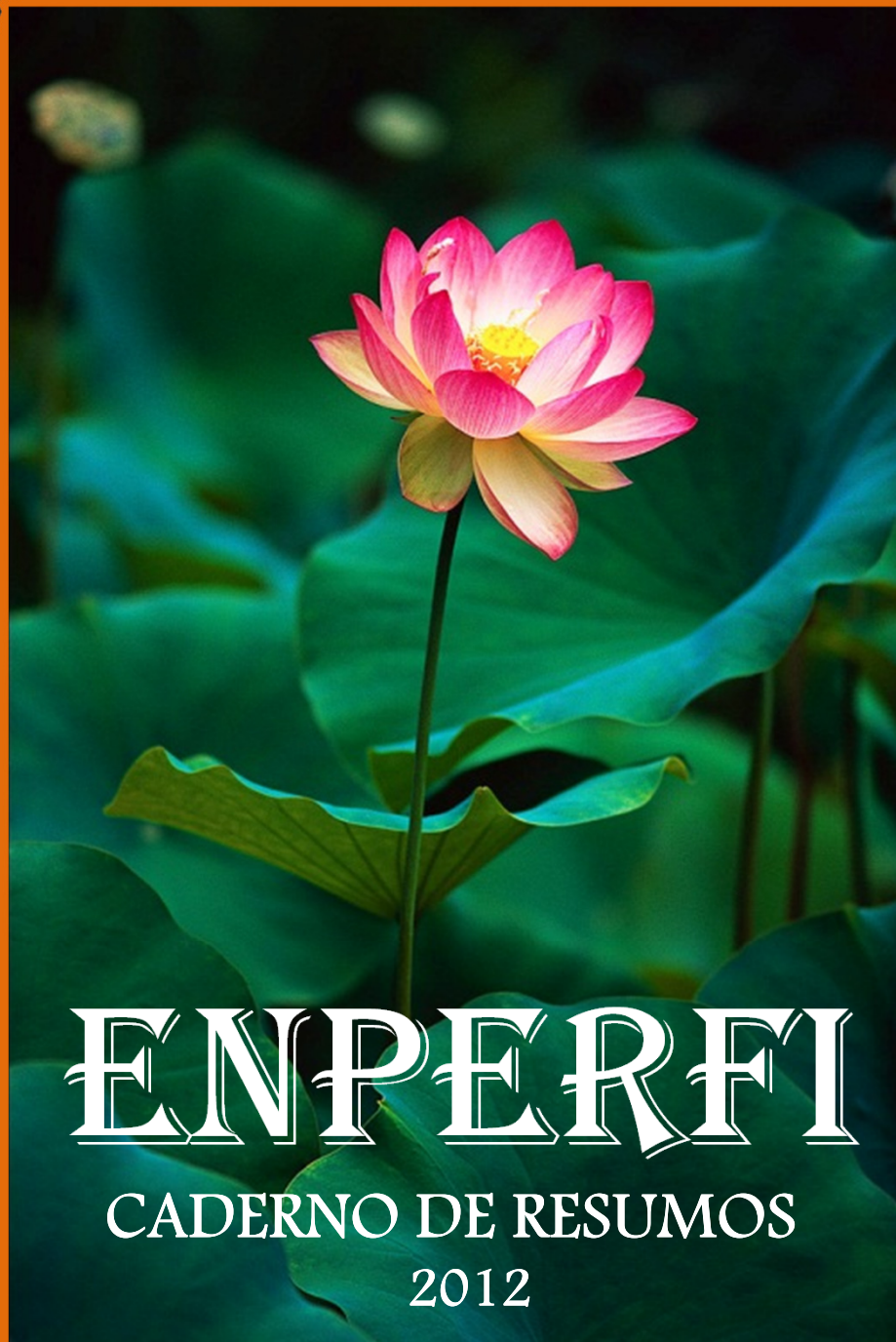


I Encontro Nordestino de Pesquisas em Religiões e Filosofias da Índia



ENPERFI

CADERNO DE RESUMOS

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

reitor

RÔMULO SOARES POLARI

vice-reitora

MARIA YARA CAMPOS MATOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO

diretor

OTÁVIO MACHADO LOPES DE MENDONÇA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

chefe

DILAINÉ SOARES SAMPAIO DE FRANÇA

vice-chefe

NEIDE MIELE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

coordenadora

FERNANDA LEMOS

vice-coordenadora

MARIA LUCIA ABAURRE GNERRE



EDITORA UNIVERSITÁRIA

diretor

JOSÉ LUIZ DA SILVA

vice-diretor

JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

supervisor de editoração

ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JUNIOR

**Maria Lucia Abaurre Gnerre, Deyve Redyson,
Roberto Martins e Fabrício Possebon**

(Orgs.)

LIVRO DE RESUMOS

**I ENPERFI
ENCONTRO NORDESTINO DE PESQUISAS EM
RELIGIÕES E FILOSOFIAS DA ÍNDIA**

UFPB - Campus I - João Pessoa/PB

19 a 21 de Novembro

Editora Universitária da UFPB
João Pessoa - PB
2012

Universidade Federal da Paraíba
Departamento de Ciências das Religiões
Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
Cidade Universitária – Campus I - Castelo Branco
CEP: 58.059-900- João Pessoa – PB.
Home-page: www.ce.ufpb.br/ppgcr

Capa: Flávia Bianchini
Diagramação: Tiago Deividly Bento Serafim
Revisão dos autores

CONSELHO EDITORIAL DA UFPB

Maria de Fátima Agra (Ciências da Saúde)
Jan Edson Rodrigues Leite (Linguística, Letras e Artes)
Maria Regina V. Barbosa (Ciências Biológicas)
Valdiney Veloso Gouveia (Ciências Humanas)
José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)
Gustavo Henrique de Araújo Freire (Ciências Sociais e Aplicadas)
Ricardo de Sousa Rosa (Interdisciplinar)
João Marcos Bezerra do Ó (Ciências Exatas e da Terra)
Celso Augusto G. Santos (Ciências Agrárias)

Cultura Oriental – Filosofia, Língua e Crença. Maria Lucia Abaurre Gnerre. Fabricio Possebon (Org.) - João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012.
210 p. Il. Coleção *Padma*.

1. Literatura sânscrita. 2. Mitologia.

UFPB/BC

CDU: 240

O texto e sua revisão são de responsabilidade dos autores.

Direitos desta edição reservados à: EDITORA UNIVERSITÁRIA / UFPB
Caixa Postal 5081 – Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil
CEP: 58.051 – 970.

Impresso no Brasil.
Foi feito o Depósito Legal.

Sumário

Apresentação :	7
GT 1:	9
Afonso Damião Neto - UFJF.....	9
Alexandre Venâncio da Silva - UFPB.....	10
Clodomir Barros de Andrade - UFJF	10
Flávia Bianchini - UFPB	11
Igohr G. G. Brennand - UFPB	12
Julio Eduardo dos Santos Ribeiro Simões - UFJF	12
Klara Maria Schenkel - UFPB	13
Lucas Barbosa Leite - UFPB	13
Lucio Valera - UFJF	14
Marcelo Santos - UFPB.....	14
Roberto Andrade Martins – UFPB.....	15
Sara Moreira Gomes - UFPB.....	15
GT 2:	16
Bruno Morais Avelar Lima - UFMG	17
Carlos Bezerra de Lima Júnior - UFPB	17
Derley Menezes Alves - IFS.....	18
Deyve Redyson - UFPB	18
Edileide Bezerra do Nascimento - UFPB.....	19
Felix Antonio de Medeiros Filho - UFPB.....	19
Karla Samara dos Santos Sousa - UFPB	20
Klara Maria Schenkel - UFPB	21
Regina de Fátima Migliori - UNTREF, Buenos Aires	21
GT 3:	22
Gisele Cardoso de Lemos - UFJF.....	22
Gisele Pereira de Oliveira - UNESP/Assis.....	23
Gracilene Felix Medeiros - UFPB	23
Jobson Cruz Soares - UEPB.....	24
José Helber Tavares de Araújo - UFPB	24
Maria Bernadete Marques Abaurre - UNICAMP	25
Maria Isabel Pia dos Santos - UFPB.....	26

Mikaylson Rocha da Silva - UFPB/UEPB	26
Mônica de Lourdes Neves Santana - UEPB	26
Nilma Barros Silva – UFPB	27
Rafaele Brito da Silva - UEPB.....	28
Sandra Sasseti Fernandes Erickson - UFRN.....	28
Valmir Nascimento de Moura - UFPB	29
Zélia Monteiro Bora - UFPB.....	29
GT 4:	30
Alexandre Venâncio da Silva - UFPB.....	30
Aline Telles Storni - UFPB	31
Ana Paula Rodrigues Cavalcanti - UFPB	31
Ana Suelen Tossige Gomes - UFMG	32
Arilson Silva de Oliveira - UFPB	33
Beliza Áurea de Arruda Mello - UFPB.....	33
Cecília Muzetti de Castro - UNICAMP	34
Dávila Maria da Cruz Andrade - UFPB.....	34
Dilaine Soares Sampaio de França - UFPB.....	35
Elana Beatriz Silva Sabino de Farias - UEPB.....	36
Eline de Oliveira Campos - UFCG.....	36
Fabiano Vidal - UFPB	37
José Carlos de Abreu Amorim - UFPB.....	37
Karina Cenci Pertile - Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa.....	38
Lívia Borges Lopes – Universidade Católica de Brasília.....	38
Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira - UFPB	39
Maria Cristina Alves de Pontes – Professor da rede pública.....	39
Maronildes Felix Limeira - Secretaria de Estado de Educação - PB	40
Maura Regina Dourado – UFPB.....	40
Narjara Lins de Araújo - UFPB	41
Neusa Valadares Siqueira – Puc Goiás	41
Raphael Lugo Sanches - UFGD.....	42
Rayssa Croline Ribeiro de Araújo - UFPB.....	43
Roberto S. de Miranda - UFPB.....	43
Thiago Pelúcio Moreira - UFPB.....	44
Tiago Deividly Bento Serafim - UFPB.....	44

Apresentação :

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Apresentamos aos leitores os resumos dos trabalhos inscritos nos quatro GT's (grupos de Trabalho) do I ENPERFI – Encontro Nordestino de Pesquisas em Religiões e Filosofias da Índia, realizado na Universidade Federal da Paraíba entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2012.

Há milênios o subcontinente indiano tem sido o berço de grandes sistemas religiosos e filosóficos, originando e acolhendo tanto aqueles sistemas que se baseiam na tradição mais antiga da Índia, registrada nos livros dos Vedas; como sistemas que não se vinculam a esta tradição primordial, como Budismo e o Jainismo. Assim, há uma multiplicidade de crenças e filosofias originárias da Índia que fazem desta região um campo de grande interesse para estudiosos do fenômeno religioso. Justamente esta diversidade de tradições e seus diálogos em torno de grandes questões filosóficas, tem despertado nos últimos anos um interesse crescente por pesquisadores brasileiros.

Este evento, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões com o apoio da CAPES, tem por objetivo reunir pesquisadores de diversas instituições brasileiras que se dedicam ao estudo dos sistemas filosóficos e religiosos da Índia, seja na antiguidade ou na contemporaneidade, pois uma das características atribuídas à cultura e à sociedade indianas é a convivência do arcaico com o moderno.

Embora o evento seja realizado no âmbito de um programa de Ciências das Religiões - sendo o fenômeno religioso no subcontinente indiano seu foco central -, nossa proposta é acolher pesquisadores oriundos de diversas áreas do conhecimento, tais como: Filosofia, Teologia, História, Antropologia, Sociologia e Estudos da Linguagem, entre outras. Esta diversidade de áreas e perspectivas poderá efetivamente ser vista nos resumos que ora apresentamos aos leitores.

Esta articulação entre diversos campos do saber é importante para progredirmos - no âmbito da academia brasileira - na compreensão do pensamento indiano expresso nos Vedas, Brāhmaṇas, Āraṇyakas, Upaniṣads, no Mahābhārata, Rāmāyaṇa, ou nos seis sistemas ortodoxos (Darśanas): Sāṅkhya, Yoga, Nyāya, Vaiśeṣika, Mīmāṃsā, Vedānte, e em todas as demais correntes do Hinduísmo.

Acreditamos que estas tradições têm muito a nos dizer na contemporaneidade, daí a importância de uma compreensão mais apurada de seus enunciados. Afinal, as

questões colocadas pelos sábios e filósofos da Índia sobre a transcendência da existência da maneira como a conhecemos através dos sentidos parecem ganhar importância no âmbito daquilo que chamamos de pós-modernidade. Pois, mesmo em meio às obrigações de uma sociedade pós-moderna, com todo o turbilhão de informações e afazeres da vida cotidiana, não nos deixamos domar completamente pelas contingências do presente. Restam sempre as dúvidas, as grandes questões existenciais que a perspectiva materialista não tem sido capaz de responder. E justamente aí a tradição indiana nos traz outra mensagem: ao invés de desviar o olhar, podemos mergulhar no cerne da questão.

GT 1:

"Abordagens ortodoxas da religião e filosofia na Índia"

Coordenador: Prof. Dr. Roberto de Andrade Martins -UEPB

A Índia abriga atualmente praticantes de uma grande variedade de tradições filosóficas e religiosas. Algumas delas podem ser consideradas ortodoxas (āstika), por aceitarem a tradição mais antiga indiana, baseada nos Vedas; outras (como Budismo, Jainismo, Islamismo) são heterodoxas (nāstika), por não se vincularem a essa tradição primordial. Assim, este Grupo de Trabalho inclui trabalhos referentes ao pensamento indiano tradicional ou moderno, dentro de temas como: Vedas (saṃhitā), Brāhmaṇas, Āraṇyakas, Upaniṣads, Vedāṅgas, Mahābhārata, Rāmāyaṇa, os seis sistemas ortodoxos (Darśanas) – Sāṅkhya, Yoga, Nyāya, Vaiśeṣika, Mīmāṃsā, Vedānta – Manusmṛti, Dharmasūtras, Purāṇas, Āgamas e todas as correntes do

Afonso Damião Neto - UFJF

afonsodamiao@yahoo.com.br

A epistemologia do Caraka Saṃhitā e a escola filosófica Nyāya

O objetivo final da medicina indiana Āyurveda como também de qualquer sistema filosófico indiano é a superação do sofrimento (duḥkha) e só é considerado possível pela eliminação da ignorância (avidyā). A própria palavra Āyurveda (ciência da vida ou biologia) é colocada como sinônimo de vidyā (sabedoria) e jñāna (conhecimento) (CARAKA, v.1, p.242; Sū. xxx.31). A escola filosófica Nyāya, paralelamente à escola Vaiśeṣika, busca a eliminação da ignorância através de uma análise ontológica e epistemológica da realidade, ficando o desenvolvimento do atomismo a cargo da escola Vaiśeṣika e suas definições ontológicas são utilizadas pelo Nyāya na sua especialização em lógica e no estudo dos processos válidos para se adquirir o conhecimento. Como os conceitos ontológicos são descritos no Caraka Saṃhitā sem maiores desenvolvimentos pode-se supor que um conhecimento filosófico prévio era necessário para o estudo específico da Āyurveda e é o objetivo deste trabalho demonstrar como o pensamento médico da época se encaixava dentro do pensamento em geral no subcontinente indiano, principalmente em seu pensamento lógico, confirmando a opinião de Radhakrishnan de que escola de pensamento Nyāya pode ser usada como uma forma de introdução para

todos os demais sistemas filosóficos ortodoxos indianos por se dedicar de maneira sistemática aos métodos de aquisição e validação do conhecimento.

Alexandre Venâncio da Silva - UFPB

philosvenancio@folha.com.br

Um sem-segundo na filosofia Śāṅkariana

Responsável por influenciar, grandes pensadores e místicos importantíssimos nestes últimos séculos, Śāṅkara convida-os para uma reflexão ampla, dentro da escola Advaita (a-dvaita = “a-dual”, “sem-segundo”). Śāṅkara desde criança procurava no vazio do conhecimento materialista, algo que lhe pudesse fortalecer o espírito e ao mesmo tempo transformar as estruturas ilusórias pregadas pelos seus professores em algo mais concreto. Acredita-se que com a morte de seu pai, o menino no caminho estreito da morte e da vida, decidiu buscar o significado verdadeiro da existência. Com base na fórmula védica Tat tvam asi “tu és aquilo”, conseguiu desenvolver um respeitado diálogo Intertextualizado sobre a doutrina sistemática que se torna plausível o Ātma como realidade única e Brāhman como identidade maior. São com esses debates discursivos e dialógicos que Śāṅkara expõe sua análise baseada nas escrituras védicas sobre a visão monista. Ainda hoje Śāṅkara é considerado um eterno nobre pensador da Índia. Suas obras continuam “inéditas”, não por uma contextualização, e, ou interpretação do monismo. Esse tal ineditismo que exponho aqui é a falta do conhecimento [essência] verdadeiro, e a prática que esse próprio pensador conceitualizou de tal mestria em suas obras.

Clodomir Barros de Andrade - UFJF

clodomirandrade@yahoo.com

O presente de Yājñavalkya: a sādhana do ouvir (śravaṇa), refletir (manana) e contemplar (nididhyāsana).

O presente artigo objetiva refletir acerca do método soteriológico desenhado por Yājñavalkya no Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad II.iv.5 e se divide em três partes. (i) Num primeiro momento, como introdução, são discutidos os pré-requisitos do método soteriológico no Vedānta: (a) nityānityavastuviveka, a capacidade de discriminação

entre as coisas eternas e não eternas; (b) ihāmutrārthabhogavirāga, desapego em relação às coisas deste ou de outro mundo; (c) śamadamādisādhanasampad, capacidade de autocontrole e comportamento exemplar e (d) mumukṣutva, desejo ardente pela libertação. Depois, no desenvolvimento (ii), apresenta-se uma reflexão acerca do método propriamente dito: o ouvir (śravaṇa), refletir (manana) e o contemplar (nididhyāsana): o ouvir a tradição, o pensar modalizado como discriminação (viveka) e finalmente a contemplação enquanto conhecimento de Brahman. Finalmente, como conclusão (iii), aponta-se o resultado do método, a experiência da não diferença entre o ātman e Brahman, caracterizada nas famosas mahāvākyas (neti, neti; tat tvam asi; sarvakhalvidaṁ brahma, ahaṁ brahmāsmi).

Flávia Bianchini - UFPB

flaviabianchini@gmail.com

Análise da Obra Oupnek'hat "Análise da obra Oupnek'hat

Esta obra é uma tradução de textos espirituais e filosóficos indianos conhecidos por Upanishads. Foi traduzida do sânscrito para o persa em 1656-1657 pelo Sultão Mohammed Dara Shikoh, e posteriormente foi traduzida do persa para o latim por Abraham Hyacinthe Anquetil-Duperron, sendo publicada em 1801. Trata-se de uma coleção de 50 textos a princípio identificados como 50 Upanishads tradicionais. Por meio desta análise demonstrarei que não se trata apenas de Upanishads mas sim de uma combinação de diferentes textos, e mesmo quando o texto é uma Upanishad ocorreram modificações em relação ao texto sânscrito original.

Flávia Bianchini - UFPB

flaviabianchini@gmail.com

Análise do Hino 6.61 do Rgveda Dedicado à Deusa Sarasvati

"O objetivo deste trabalho é apresentar uma tradução e um comentário sobre um importante hino do Rgveda (sūkta 6.61), dedicado à divindade indiana Sarasvatī. O Rgveda é o mais antigo dos quatro saṁhitās védicos e consiste em 1.028 hinos (sūktas) distribuídos em 10 livros (maṇḍalas). Três hinos são dedicados integralmente a Sarasvatī e ela é mencionada em 72 outros hinos. Também serão abordados alguns

conceitos básicos relativos à divindade Sarasvatī, que no Ṛgveda, é identificada como um rio divinizado, associada com as Águas (Āpas), com os Deuses das tempestades (Maruts), e forma uma tríade com as deusas do sacrifício Ilā e Bhāratī. Desenvolvimentos subsequentes em sua conceituação estão enraizados no Ṛgveda com o pensamento inspirado (dhī), com a fala (Vāc), que por sua vez estão ligados à atividade de sacrifícios às margens do sagrado rio Sarasvatī.

Igohr G. G. Brennand - UFPB

Igohr_Brennand@hotmail.com

A Realidade de Maya como manifestação da ilusão

Este trabalho pretende discutir e analisar o conceito indiano conhecido como "Véu de Maya". Nossa perspectiva baseia-se nos conceitos de dentro da tradição hindu que trazem desde a mitologia indiana, aspectos da percepção e manifestação das divindades, assim como sua tradução por ilusão e as perspectivas abordadas em alguns filósofos ocidentais como Schopenhauer na resposta de uma realidade prática da existência humana

Julio Eduardo dos Santos Ribeiro Simões - UFJF

schimmells@ig.com.br

A Unicidade Radical de Shiva é uma Novidade dos Lingayats?

"Seriam as classificações religiosas do Sul da Índia suficientes e condizentes para aquele contexto, ou existem demasiadas permeabilidades que impeçam (do ponto de vista de teologia sobre Shiva) qualquer tipo de sistema de classificação distintiva entre os Virashaivas, o Shaiva Siddantha e o Shivaísmo Caxemir, a partir da apreciação comparativa dos poemas canareses, ágamas tâmeis e tantras caxemirres acerca do mesmo tema, a Unicidade radical de Shiva? No contexto da formação da língua canaresa moderna, falada especialmente no estado de Karnataka, Índia, o movimento Virashaiva (fundador das comunidades Lingayats) desempenhou importante papel ao produzir literatura devocional em verso de temática religiosa Shivaíta. Um paralelo entre o conteúdo das teologias Shivaítas originárias da Caxemirra, entre elas especialmente o Shaiva Siddantha (cuja Teologia muito embora composta em Tâmil

deriva dos Tantras caxemirres) é possível, especialmente do ponto de vista temático. Este trabalho discute o influxo teológico caxemir, via Shaiva Siddantha, na poesia devocional virashaiva, especialmente Basava. Mais amplamente, (isto é, valendo-se de outros autores que não Basava) busca identificar os traços gerais da teologia tântrica caxemir nos escritos dos Lingayats, que supostamente teriam promovido um desligamento da corrente racional e teológica do Shivaísmo."

Klara Maria Schenkel - UFPB

klaramarias@gmail.com

As diversas faces de Kāla

O presente trabalho é uma leitura do hino 53, livro XIX, do Atharva Veda. Trata-se de um elogio ao Tempo, identificado com o deus Kāla , o detentor do mais alto poder celestial. Esta homenagem ao Tempo é apresentada em duas partes no livro XIX (hinos 53 e 54); no entanto, dada a rica polissemia contida nos versos da primeira parte, nossa análise ficará restrita às dez estrofes do hino 53, a partir de quatro traduções em inglês do referido hino védico (MUIR, J. 1870; GRIFFITH, R. 1895-6; BLOOMFIELD, M. 1897 e PANIKKAR, R. 1983), vertidas para o português. O objetivo aqui é tentar observar como essas “releituras” contribuem para a construção de uma interpretação minimamente viável do antigo pensamento védico. As formulações acerca do Tempo encontradas no hino 53, por sua vez, são importantes não somente para a apreciação de uma certa cosmovisão ancestral, como também parecem indicar possíveis caminhos para compreendermos melhor os desdobramentos posteriores do pensamento indiano.

Lucas Barbosa Leite - UFPB

lucasaho2@hotmail.com

O pensamento materialista da escola Carvaka

As filosofias e tradições da Índia são, em sua maioria, carregadas de uma espiritualidade intrínseca, tornando até mesmo impossível uma separação precisa entre Filosofia e Religião, grandezas tão distintas em nosso Ocidente. No entanto, ao se sustentar a idéia de que a Índia foi berço apenas de filosofias de caráter espiritual/religioso, estamos susceptíveis a cometer um sério erro e a enxergar de maneira unilateral seu complexo

sistema de pensamento. Concepções materialistas e anti-religiosas estiveram presentes na Índia desde tempos remotos. Sempre existiram aqueles que negaram a autoridade religiosa védica ou qualquer tipo de realidade transcendente, e basearam suas vidas na busca de prazeres e riquezas, repudiando qualquer forma de religião institucionalizada. É possível encontrar referências a esses materialistas nas Upanishads, nos Épicos e em textos budistas. O objetivo do presente trabalho é oferecer uma visão geral das idéias-chaves da escola materialista indiana conhecida como Carvaka. Sua filosofia está baseada na sustentação da matéria como a única realidade. O mundo – e tudo que nele existe – não foi criado por um ser metafísico supra consciente, mas é tão-somente o produto de combinações entre os quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Sua visão, portanto, se distancia muito da visão idealista tradicional que está impregnada nas filosofias da Índia.

Lucio Valera - UFJF

lokasaksi@gmail.com

Morte no Hinduísmo: Transmigração e Libertação

Nessa comunicação temos uma discussão sobre a questão da morte nas tradições dos Hinduísmo. O tema da morte sempre constituiu um mistério. Inconscientemente rejeitamos sua ocorrência, pois intuímos a continuidade da existência. O Hinduísmo considera esse inconformismo com a morte como indicação da eternidade da alma. A imortalidade pode ser vista, segundo o ensinamento da Bhagavad-gītā e da Upanishads, em duas perspectivas: a da transmigração da alma e a da libertação da existência material. Uma jornada com retorno, e uma jornada sem retorno e em direção ao eterno. Na plataforma da auto-realização há o reconhecimento da existência continuada do ser, da consciência ou conhecimento ilimitados e da satisfação estética infinita. Ou seja, a morte do corpo e a perda dos prazeres dos sentidos temporários pode não representar em última análise, um prejuízo. Porque há a possibilidade de se manifestar um ganho maior, não há motivo para medo e ansiedade. A passagem para outro corpo é algo tão natural, como ir para outro lugar diferente."

Marcelo Santos - UFPB

mont_rico@hotmail.com

Maithuna e a energia sexual no tantra yoga

Este ensaio parte de uma incursão acerca dos termos kundalini e chitta do sânscrito, e, visa a apresentar algumas considerações introdutórias para o entendimento da possibilidade de superação do samsara-nirvana e dos processos kármicos. Por se tratar de um texto breve sobre Tantra e Yoga não será possível aprofundar as questões filosóficas e etimológicas, portanto, foi desenvolvido um discurso de caráter um tanto genérico, de modo mais interessado em provocar o interesse de nós, estudantes ocidentais que, se muito, vislumbramos o limiar da ponta desse ice berg gigantesco que é a cultura multimilenar indiana.

Podemos considerar que a vida humana é a plataforma perfeita para se transcender o Samsara rumo ao ser mais sutil do que o mais sutil. Este é um desejo comum tanto a homens como a seres divinos, conforme o Mundaka-Upanishad 3.1.7.

Roberto Andrade Martins – UFPB

roberto.andrade.martins@gmail.com

Samadhi: uma análise comparativa entre Yoga Sutra e Drig Drishya Viveka

Há vários pontos de contato entre as obras Drig Drishya Viveka (atribuída a Bharati Tirtha) e Yoga Sutra de Patañjali. Ambas enfatizam a importância de distinguir o observador daquilo que se observa, analisam os processos mentais, distinguindo-os da consciência observadora, bem como apresentam uma análise de vários tipos de samadhi. Este trabalho focaliza as descrições do samadhi nas duas obras, indicando suas semelhanças e algumas diferenças. Pode-se considerar que o Drig Drishya Viveka esclarece alguns aspectos importantes da conceituação de samadhi, que não estão claros no Yoga Sutra.

Sara Moreira Gomes - UFPB

saramoreirag@gmail.com

O princípio de Pancha Mahabuta como base para o tratamento no Ayurveda

Esta comunicação se propõe a discutir o conceito de Pancha Mahabuta, um elemento central do Ayurveda, que é uma ciência milenar proveniente da Índia e que pretende

promover a saúde integral do ser humano. O princípio de Pancha Mahabuta, ou dos Cinco Grandes Elementos, é tratado no Charaka Samhita, um compêndio de medicina considerado um suplemento dos Vedas, e descreve métodos e práticas para se alcançar e manter a saúde e a longevidade, entre outras coisas. O Charaka Samhita é uma das principais fontes de onde provêm os conhecimentos do Ayurveda. O princípio dos Cinco Grandes Elementos é o fundamento que rege todo o funcionamento do Ayurveda, sendo, assim, a chave para a compreensão de tão complexa ciência. Por tratar da saúde através de métodos que estimulem um modo natural de viver, bem como a manutenção do equilíbrio interno e externo de tudo que se assimila e com o que se convive, seja a alimentação, o comportamento, o trabalho, o lazer, o esporte, a higiene, os pensamentos, enfim, todos os aspectos da vida, o Ayurveda se configura como uma ciência atemporal, pois a eficácia de suas práticas se confirma ao longo do tempo. A base para a compreensão de como se manter o equilíbrio da vida, segundo o Ayurveda, se dá através da análise das características de cada aspecto mencionado, de acordo com o elemento da natureza correspondente a esse aspecto. É possível perceber, quando se entra em contato com os ensinamentos clássicos contidos nos Vedas, que não se pode aplicar à risca todos os métodos e procedimentos que visem à cura e saúde. É preciso considerar a época em que os textos tradicionais foram escritos, o contexto social em que foram escritos e o fato de que alguns itens que podem constar em uma prática podem não ser acessíveis em locais fora da Índia. Portanto, a compreensão do princípio do Pancha Mahabuta se configura como item fundamental para o entendimento profundo das técnicas dessa ciência, pois torna possível sua aplicação em qualquer ambiente, em qualquer época, e podendo-se tirar o máximo proveito de seus ensinamentos. É preciso considerar também que, por recomendar a utilização de ingredientes naturais em suas práticas, o Ayurveda se torna um método de promoção de saúde de baixo custo, tornando-se viável em locais com população de baixa renda. O Brasil, país com vasta diversidade natural e com uma população carente de assistência médica, poderia se beneficiar amplamente do Ayurveda, desde que compreendesse o princípio dos cinco elementos e o aplicasse ao dia-a-dia e aos elementos naturais próprios locais.

GT 2:

“Budismo: Diálogos e Recepção do Budismo indiano no Mundo”

Coordenador: Prof. Dr. Deyve Redyson - UFPB

Compreende trabalhos que desenvolvem o diálogo entre o budismo clássico "indiano" e o budismo que se desenvolveu e se originou na China, Japão, Tibete e outros países, assim como também, as perspectivas da recepção do budismo em países ocidentais, analisando suas características filosóficas, psicológicas, históricas e religiosas.

Bruno Morais Avelar Lima - UFMG

bmorais1950@hotmail.com

Izabel Campos Ferreira - UFMG

belcferreira@hotmail.com

Prof. Dr. Andityas Soares de Moura Costa Matos

Encontro entre ocidente e oriente: O budismo e o ceticismo

Este trabalho tem a proposta de buscar um diálogo entre a tradição filosófica oriental e a ocidental, cujo cerne das investigações é a verificação de possíveis semelhanças entre a filosofia budista e o ceticismo pirrônico no que tange a intenção de ambas em atuarem enquanto processos terapêuticos de cura das patologias resultantes do apego a dogmas. Tais filosofias não buscam verdades, mas sim a libertação humana do sofrimento e da necessidade infrutífera de se buscar uma verdade última e unificadora das coisas. Cada uma das filosofias supracitadas propõe métodos para que se verifique o caráter ilusório de crenças advindas das manifestações do mundo fenomênico, propondo, então, exercícios contínuos de desapego a tais julgamentos a partir da suspensão destes. A dedicação constante a tais terapias traria um resultado semelhante às duas filosofias: a quietude e tranquilidade interna, um estado de imperturbabilidade tido como o maior dos bens, denominado ataraxia na Grécia e nirvana na Índia. Tanto o Pirronismo quanto o Budismo resultam numa atitude filantrópica de cura de si mesmo e do outro, por isso não podem ser confundidos com letargia ou inércia, e isso é que o mostram as narrativas das vidas de Pirro de Élis e de Buda.

Carlos Bezerra de Lima Júnior - UFPB

carlosbljr@gmail.com

O nada em Meister Eckhart e no zen-budismo: aproximações e distanciamentos

Embora geograficamente distantes, Meister Eckhart e o zen-budismo se aproximam em vários aspectos. O “nada” ou a “nadidade” se vê presente não só na mística cristã do filósofo turíngio, como também na tradução budista. Esse estudo visa a apresentação da ideia do que é o “nada” para Eckhart e para o zen-budismo, e como se aproximam, embora se encontrem em diferentíssimas circunstâncias espaciais e temporais, e como essas diferenças implicaram em distanciamentos talvez metodológicos ou argumentativos, mas não de significado entre ambos. Para isso será necessária a exposição de estudos feitos pela Escola de Kyoto e também por comentadores de Eckhart – que se inserem nessa pesquisa com muito mais ímpeto nos dias de hoje.

Derley Menezes Alves - IFS

derley@gmail.com

Uma crítica budista de Nietzsche

Partindo da análise nietzscheana do ideal ascético presente na Genealogia da Moral, pretendemos apresentar uma crítica de alguns elementos desta análise mediante um confronto do pensamento deste autor com as noções de nirvana ou nibbana, a noção de caminho do meio e a crítica budista àquilo que esta tradição classifica como niilismo ou aniquilacionismo. Nesse sentido, pretendemos inverter a ordem das análises filosóficas, que de modo geral partem da leitura de um certo filósofo acerca do budismo. Tomando como referência o Cânone Páli, pretendemos fazer uma leitura budista de certos aspectos do pensamento de Nietzsche.

Deyve Redyson - UFPB

dredyson@gmail.com

O budismo na filosofia de Hegel e Schopenhauer: identidade, diferença e distanciamento

Este trabalho tem como principal caracterização apresentar o budismo na filosofia do pensador G. W. F Hegel e de A. Schopenhauer. Durante o século XIX a doutrina

budista chegou através do orientalismo na Alemanha, diversos pensadores passaram assim a ler e atentar compreender as escrituras budistas. No pensamento sistemático de Hegel, encontramos em suas *Lições sobre Filosofia da Religião* uma visão depreciativa do budismo e uma falta de compreensão por parte deste pensador. Na mesma época e dispondo dos mesmos livros o pensador Schopenhauer consegue ter um *insight* dentro do pensamento oriental e começa a interpretar mais corretamente as principais categorias do budismo como as quatro nobres verdades, o óctuplo caminho e os cinco agregados da existência. Dessa forma temos duas visões distintas do budismo que se registraram no século XIX.

Edileide Bezerra do Nascimento - UFPB

edileide.bezerra@hotmail.com

Análise do discurso do budismo e do espiritismo sobre reencarnação

Este trabalho propõe analisar o discurso presente em textos da tradição espírita e budista focalizando os encontros das “verdades” de seus ensinamentos sobre reencarnação. O budismo tem na sua estrutura filosófica o princípio de que o indivíduo tem que reencarnar infinitas vezes, passando pelo sofrimento, superando sua ignorância e extinguindo o seu karma que seria o conjunto de atos do indivíduo ao longo de suas vidas. Afirma ainda que para chegar a iluminação deve manter constantemente puros o corpo, a fala e a mente, desta forma atingindo o Nirvana (estado total de paz e plenitude). Na visão espírita o ser humano é um espírito imortal que necessita do processo reencarnatório para atingir a sua evolução espiritual (iluminação) Embora o termo karma não seja do discurso espírita muito se usa no dia a dia transmitindo a necessidade de resgate de dívidas e a lei de causa e efeito que é um dos princípios filosóficos da doutrina espírita mais forte. O sincretismo religioso entre o espiritismo e o budismo também pode ser analisado no seu perfil de filosofia de vida e religião entre seus adeptos e a população ocidental.

Felix Antonio de Medeiros Filho - UFPB

fredfilipeia@gmail.com

Os Devas e o Ateísmo Budista

Ao partir da Índia à China e ao Japão, o Budismo Mahayana optou pelo esvaziamento, e mesmo pela negação de alguns conceitos, dentre os quais o de divindade tradicional. Escolas como Tiendai, Zen e Nichiren substituíram os devas por algo mais vago e metafísico, privilegiando a experiência mística no lugar do conhecimento teológico. Na Índia, o Budismo Theravada passou a lidar com os devas como uma crença em Planos Existenciais. Diferente do Ateísmo Ocidental, esse Ateísmo Oriental consiste numa negação do divino na fundamentação de princípios onto-éticos, como as Quatro Nobres Verdades, o Caminho Óctuplo e os Cinco Agregados, todos formulados sem a presença de um deus. Porém, um fenômeno posterior levou o Budismo a adotar novamente princípios teístas, tal como se observa no Amidismo, no Budismo Japonês e em algumas linhas do Budismo Vajrayana (a exemplo do Ishta-Devata) que preservam o caráter focal e divino dos devas. Portanto, torna-se necessário estabelecer os limites do que seja um deva nas diferentes escolas Budistas, e em suas contrapartes mais metafísicas e místicas.

Karla Samara dos Santos Sousa - UFPB

karlinharock7@hotmail.com

Schopenhauer e o budismo - um olhar sobre o sofrimento

O presente trabalho busca investigar a natureza do mundo elaborada pelo Budismo e pelo filósofo Arthur Schopenhauer, pois ambas se confluem. O Budismo quanto Schopenhauer se alicerçam na concepção de que a existência é ilusória a partir da constatação de que a vida é inteiro sofrimento. Se tratando do sofrimento Schopenhauer é categórico, não existe em toda natureza, superação e bondade intrínseca, pelo contrário, o que nela prevalece é um ímpeto cego corrosivo, devastador, irracional denominado Vontade, que sedenta pela vida em todas suas formas, oscila entre a satisfação e a necessidade. Assim a filosofia schopenhaueriana delimita as fronteiras de seu pessimismo metafísico. Semelhante visão apresenta o Budismo. A natureza do mundo segundo o Budismo reproduz três aspectos essenciais da existência, a impermanência, a insatisfatoriedade e a insubstancialidade. O caráter da impermanência concebe que as coisas estão em fluxo contínuo, o que leva ao sempre desejar e a inexistência de uma forma substancial no mundo. Ou seja, ao eterno sofrimento. Schopenhauer e o Budismo concebem, portanto, que os fenômenos condicionados a tais preceitos e sem a consciência desses princípios levam o indivíduo à ignorância e ao infortúnio.

Klara Maria Schenkel - UFPB

klaramarias@gmail.com

Práticas budistas na Paraíba

Este trabalho traz alguns resultados preliminares de projeto de pesquisa de mestrado, desenvolvido junto ao PPGCR – UFPB. Trata-se de uma investigação acerca das práticas budistas no estado da Paraíba (e suas possíveis ressignificações, a partir de necessidades específicas do contexto sócio-cultural paraibano), bem como do processo histórico que permitiu com que o Budismo se instaurasse nesta paisagem “exótica”. Para tanto, acompanhamos com especial atenção as relações guru-discípulo e a instalação de centros de dharma na região, além de observarmos como alguns conceitos-chave do Budismo são assimilados (ou reinterpretados) por seus praticantes paraibanos ao longo desse processo.

Regina de Fátima Migliori - UNTREF, Buenos Aires

regina@migliori.com

Monge Rinchen Khyenrab/Carlos Henrique Amaral de Souza - UFES

mongerinchin@yahoo.com

Ética budista e a relação com a educação em valores e os desafios contemporâneos da sustentabilidade

Valores são um impulso para o exercício inteligente, criativo, transformador e benéfico. São princípios onde enraizamos nossa motivação e também a nossa atuação. Os desafios da sustentabilidade nos fazem refletir sobre a interdependência como um fenômeno natural da vida. Também exigem que modifiquemos nosso comportamento: emerge a necessidade de reduzir o desenfreado ritmo do consumo, e isso requer uma revisão na nossa própria insatisfação. A tradição budista pode ser compreendida como um pilar direcionador de soluções para importantes desafios da atualidade com foco em valores e sustentabilidade. Os princípios de impermanência e de interdependência, aspectos fundamentais da ética budista, viabilizam a expressão do amor e da compaixão, e são relevantes para compreender as transformações atuais e as redes de sustentação da vida. O entendimento da insatisfação como raiz de venenos mentais e origem de muito sofrimento, nos oferece ferramentas para lidarmos com importantes questões da atualidade, tais como o consumo desmedido, a alta competitividade, e a deturpação de valores. A noção do precioso nascimento humano, o conjunto de causas e condições

auspiciosas para nosso exercício humano, nos oferece um belo ponto de partida para o desenvolvimento humano viabilizando um modo de vida centrado em valores éticos e em modelos sustentáveis.

GT 3:

“Literatura e Sagrado”

Coordenador: Prof. Dr. Fabricio Possebon - UFPB

O GT propõe acolher propostas que trabalhem na confluência entre textos literários, orais ou escritos, e sua interpretação, pelo viés da sacralidade indiana, em sentido amplo, não se limitando a uma religião, institucionalizada ou não. Assim, serão aceitas análises e leituras de obras literárias de quaisquer épocas, estilos ou autores, desde que vinculadas ao pensamento indiano, no que concerne à transcendência, expressa em mitos, ritos, divindades, etc.

Gisele Cardoso de Lemos - UFJF

musigi@ig.com.br

Traduções da literatura ficcional indiana para o português: uma questão cultural

A literatura ficcional pós-colonial tende a ser um solo fértil para repensar criticamente as tradições, resgatando-as, atualizando-as e transformando-as. Autores como Vikram Seth, Anita Desai e Sudhir Kakar, dentre outros, são exemplos bem sucedidos de diálogos com a tradição filosófica da Índia através da escrita ficcional. Porém, com a estimulação do mercado editorial em traduzir obras premiadas no exterior, verifica-se nas traduções para o português brasileiro da literatura ficcional indiana, originalmente em inglês, um sério problema de interpretação cultural. Uma obra literária está explicitamente ou implicitamente atrelada a uma cultura e uma tradução não pode ser uma questão meramente linguística, ela deve passar pela dimensão cultural da obra. O despreparo e a falta de comprometimento da parte de tradutores e revisores faz com que algumas traduções demonstrem graves falhas de entendimento da cultura indiana, comprometendo o diálogo com a tradição feita pelo escritor. Para a verificação desse

cenário, serão analisados elementos específicos das traduções das seguintes obras: *The Calcutta Chromosome*, de Amitav Ghosh, *A River Sutra*, de Gita Mehta, e suas respectivas traduções para o português, em cujas obras são abordados assuntos como: o sistema de castas, a pluralidade de deuses, formas literárias clássicas da Índia, etc.

Gisele Pereira de Oliveira - UNESP/Assis

gisele_usp@yahoo.com.br

Cecília Meireles e a Índia: das provisórias arquiteturas ao “Êxtase longo de ilusão nenhuma”

A relação entre Cecília Meireles e a Índia se apresenta de forma explícita e implícita em sua obra. Por um lado, dentre seus diversos livros de poesia, encontra-se o Poemas escritos na Índia, escrito a partir de sua viagem ao país em 1953, paralelamente às diversas crônicas que narram momentos de sua passagem pela terra de Gandhi e Tagore. Por outro lado, em sua lírica, há inúmeros poemas que permitem a leitura de princípios, temas e nuances do pensamento filosófico-religioso tipicamente oriental, sejam aqueles reconhecíveis como associáveis ao hinduísmo ou ao budismo. A partir dessas perspectivas, apresentamos uma seleção de poemas cuja análise aponta premissas do pensamento indiano, como o tempo cíclico eterno em oposição ao linear escatológico, a transitoriedade no mundo fenomenal, a transmigração da alma e sua eternidade, o conhecimento emancipador quando sagrado em oposição à ignorância que resulta no cativeiro material, o princípio da não violência e a compaixão, entre outros.

Gracilene Felix Medeiros - UFPB

graci_cead@hotmail.com

PRĀṆA: A respiração e a Força Vital nas Upanishads

As Upanishads são textos indianos que contêm ensinamentos filosóficos e práticas espirituais. O objetivo desses textos é conduzir o homem a Brahman, o absoluto. O nome Upanishad quer dizer, “assentar-se perto e abaixo”, significando assentar-se aos pés do mestre para receber o conhecimento. As Upanishads mais estudadas são às cento e oito que aparecem dentro da tradição. No entanto, ao longo dos séculos surgiram outras Upanishads. O pensamento das Upanishads nos apresenta um universo de

possibilidades, que nos leva a Brahman. E este universo trata de vários temas pertinentes à vida humana. Dentre os temas tratados nas Upanishads, um deles chama a atenção por ser falado, muitas vezes, nas aulas de yoga, o termo PRĀṆAYĀMA, o controle do PRĀṆA. Falando sobre PRĀṆAYĀMA conhecemos o PRĀṆA e sua importância para nossa vida. Mas, o que seria PRĀṆA? De acordo com o dicionário on-line de Sânscrito – Inglês de Monier Williams, PRĀṆA significa simplesmente, “The breath of life, breath, respiration, spirit, vitality; (...)”, isto é, sopro, respiração, fôlego da vida, respiração, respiração, espírito, vitalidade. Contudo, descobrimos que PRĀṆA possui significados variados, passando sempre por esta ideia de respiração, mas não num sentido restrito e sim, num sentido amplo, de sopro vital.

Joabson Cruz Soares - UEPB

joabsongjp_soares@hotmail.com

O pensamento indiano: a luta na construção de identidade no filme *Passagem para a Índia*

Este estudo visa elucidar as relações no que concerne o pensamento capitalista ocidental representado pela Inglaterra Imperial e o pensamento oriental indiano no contexto histórico colonialista no filme *Passagem para a Índia* baseado no romance do escritor inglês Forster (1924). Como se deu por parte dos indianos o recebimento das decisões tomadas pela Inglaterra imperialista? A questão é de suma importância trazendo impactos e consequências para o povo indiano. O principal personagem indiano Aziz cruza as fronteiras culturais, sociais e religiosas impostas pelo imperialismo questionando-as na tentativa de resgatar de forma heroica a identidade de seu povo. Neste cenário, iremos analisar a relações entre Inglaterra e Índia - colônia alicerçados na teoria maniqueísta dominante x dominado, riqueza x pobreza, profano x religiosidade. A fundamentação teórica para este trabalho baseiam -se em Fanon (1961), Said (1978), Memmi (1967) que tratam da alegoria maniqueísta e afirmam que o colonizador inglês impunha seus valores políticos, sociais e religiosos explorando o povo indiano, sua terras e riquezas.

José Helber Tavares de Araújo - UFPB

josehelber@hotmail.com

Cultura e Religião no romance Mongólia, de Bernardo Carvalho

O romance *Mongólia*, de Bernardo Carvalho, é ambientado no espaço sócio-cultural chinês e mongol. O vice-cônsul brasileiro que tinha sua estadia em Xangai é chamado pela embaixada do Brasil na China para investigar, sem chamar atenção das autoridades locais, o desaparecimento de um fotógrafo que se aventurou por lugares desconhecidos da Mongólia. A partir do momento em que vai se construindo no romance uma representação dos patrimônios culturais, costumes e relações sociais dos habitantes mongóis, pode-se chegar a um entendimento significativo dos seus valores e concepções de mundo e, assim, entender que o despertar das diferenças culturais entre ocidente e oriente é parte constitutiva e essencial na organização estrutural do romance. Estas diferenças culturais não são tomadas como divisão, mas como possibilidades dialógicas de renovação, transformação, dissolução de visões estereotipadas e esclarecimento de passagens desconhecidas de culturas com quase nenhuma afinidade. A intenção desta pesquisa não é apenas desenvolver uma interpretação sobre os aspectos estético-literários presentes na obra, mas ampliar e direcionar a discussão para o marcante componente temático de ordem histórica (especificamente no que se refere ao aspecto religioso) da cultura mongol que permeia todo o romance.

Maria Bernadete Marques Abaurre - UNICAMP

bernadete.abaurre@gmail.com

A Aṣṭādhyāyī de Pāṇini: considerações sobre regras, linguagem e cultura

Este trabalho tece algumas considerações sobre a possível relação entre a busca pela descrição detalhada do sânscrito – traço marcante da gramática de Pāṇini (Aṣṭādhyāyī), escrita cerca de 500 anos a.C. – e a importância atribuída ao comportamento regrado na cultura e na ritualística védicas. Obra de grande interesse histórico e teórico, a gramática de Pāṇini, considerada a base de todas as análises tradicionais e modernas do sânscrito, contém 3.959 sutras (regras) e fornece uma descrição do funcionamento da língua que serviu de inspiração para linguistas modernos como Franz Bopp, no século XIX, e Ferdinand de Saussure, Leonard Blomfield e, mais recentemente, Noam Chomsky, no século XX. Chomsky, principal nome associado à Teoria Linguística Gerativa, chega a afirmar, em conferência proferida em 2001 em Kolkata, que “a primeira gramática gerativa no sentido moderno do termo foi a gramática de Pāṇini”, reconhecendo nessa obra uma importante fonte de inspiração para o formalismo que introduziu em seu modelo teórico. A hipótese que levantamos nesta apresentação é a de que o caráter fortemente regrado da cultura védica, aí incluída a linguagem como uma de suas manifestações, poderia explicar o empenho do gramático indiano em desvelar e formalizar as regras que descrevem e regulamentam os usos do sânscrito.

Maria Isabel Pia dos Santos - UFPB

maria.isabel.ps@gmail.com

O conceito de Puruṣa nos aforismos 11 a 25 do capítulo dois do Bhagavadgītā

Nesta apresentação vamos discutir alguns aspectos do segundo capítulo do Bhagavadgītā, em especial os aforismos 11 a 25, onde é apresentado o conceito de Puruṣa – sob as concepções de corpo e alma destrincha a percepção do que vem a ser essa natureza e, no mesmo compasso, desnuda o real – a partir da Filosofia do Sāṃkhya.

Mikaylson Rocha da Silva - UFPB/UEPB

mikaylson_rocha@hotmail.com

Uma Passagem Para Índia: A Configuração da Índia "Britânica" no Limiar do Século XIX à luz das teorias Construtivistas e Pós-colonialistas.

O objetivo do nosso artigo é desenvolver um estudo científico com base em perspectivas e abordagens pós-colonialistas, construtivistas e também com base em autores da antropologia social e da semiótica como é o caso dos autores Clifford (1999), Wendt (1987) e Onuf (1987). Tendo como base o livro-romance – A Passage to India (1924), o nosso trabalho busca desmistificar a forma como vem se estudando e historiando as relações de dominação existentes num tipo de colonização, bem como dando ênfase ao “colonizado”, que de costume vinha sendo estudado como “objeto” e como parte “passiva” e “subserviente” ao discurso. O colonizado também é agente do processo de colonização, e como agente, ele fala, age e tem o que dizer a respeito desse processo. Esse é o elemento central de nossa pesquisa: buscar novas perspectivas e abordagens teóricas sem reducionismo; fomentar uma nova ontologia, ou seja, construir novos olhares e mais adequados às ciências humanas; recontar a história do Indiano sob ótica puramente indiana, tanto pelo contexto histórico-cultural como também religioso.

Mônica de Lourdes Neves Santana - UEPB

monica_lns@yahoo.fr

O pensamento indiano: a luta na construção de identidade no filme Passagem para a Índia

Este estudo visa elucidar as relações no que concerne o pensamento capitalista ocidental representado pela Inglaterra Imperial e o pensamento oriental indiano no contexto histórico colonialista no filme Passagem para a Índia baseado no romance do escritor inglês Forster (1924). Como se deu por parte dos indianos o recebimento das decisões tomadas pela Inglaterra imperialista? A questão é de suma importância trazendo impactos e consequências para o povo indiano. O principal personagem indiano Aziz cruza as fronteiras culturais, sociais e religiosas impostas pelo imperialismo questionando-as na tentativa de resgatar de forma heroica a identidade de seu povo. Neste cenário, iremos analisar a relações entre Inglaterra e Índia - colônia alicerçados na teoria maniqueísta dominante x dominado, riqueza x pobreza, profano x religiosidade. A fundamentação teórica para este trabalho baseiam -se em Fanon (1961), Said (1978), Memmi (1967) que tratam da alegoria maniqueísta e afirmam que o colonizador inglês impunha seus valores políticos, sociais e religiosos explorando o povo indiano, sua terras e riquezas.

Nilma Barros Silva – UFPB

nilma-jp@hotmail.com

Maria do Socorro da Silva Medeiros – UFPB

Comida: nos rastro de textos sagrados

O ato de receber um convidado e hóspede (athitya) na Índia, transcende normas sociais. É memória de rituais sagrados dos tempos védicos , vê-se a presença de quem chega como mediador de mensagens dos deuses. Por isto ele deve ser respeitado e digno de todas as honras culinárias. Nos tempos védicos , o convidado era recepcionado com leite ou iogurte acrescido de mel ou açúcar. Assim a comida , seus perfumes, seus temperos e especiarias envolvem mistérios religiosos -uma intrínseca relação com os deuses e astros .Um dos territórios mais ricos pelo aspecto transcultural é a costa de Malabar, onde convivem hindus, cristãos, romanos, árabes , gregos , o Decão , área islamizada e de indus , os Himalaias e Mumbai , lugar dos parsis ou pârâshika(povos da Pérsia) seguidores do zoroastrismo, baseada na antiga religião dos magos, o masdeísmo .As receitas culinárias são ora provenientes de documentos religiosos antigos como - Zen Avestas, Bhagavad Gita , Tripitaka os Quatro Livros Sagrados dos Vedas , ora das

tradições orais. Pretende-se discutir a comida e sua simbologia de algumas partes da Índia ,como rastro de um grande” texto “religioso .

Rafaele Brito da Silva - UEPB

rafaelebrito93@gmail.com

O pensamento indiano: a luta na construção de identidade no filme *Passagem para a Índia*

Este estudo visa elucidar as relações no que concerne o pensamento capitalista ocidental representado pela Inglaterra Imperial e o pensamento oriental indiano no contexto histórico colonialista no filme *Passagem para a Índia* baseado no romance do escritor inglês Forster (1924). Como se deu por parte dos indianos o recebimento das decisões tomadas pela Inglaterra imperialista? A questão é de suma importância trazendo impactos e consequências para o povo indiano. O principal personagem indiano Aziz cruza as fronteiras culturais, sociais e religiosas impostas pelo imperialismo questionando-as na tentativa de resgatar de forma heroica a identidade de seu povo. Neste cenário, iremos analisar a relações entre Inglaterra e Índia - colônia alicerçados na teoria maniqueísta dominante x dominado, riqueza x pobreza, profano x religiosidade. A fundamentação teórica para este trabalho baseiam -se em Fanon (1961), Said (1978), Memmi (1967) que tratam da alegoria maniqueísta e afirmam que o colonizador inglês impunha seus valores políticos, sociais e religiosos explorando o povo indiano, sua terras e riquezas.

Sandra Sasseti Fernandes Erickson - UFRN

sandra@ufrnet.br

Darmakaya & Nivarnakaya: Os corpos de êxtase na poesia de Augusto dos Anjos

Discutiremos o imaginário da poesia e filosofia oriental em *Eu* (Augusto dos Anjos, 1912) propondo que o poeta utilizou essa tradição como suporte principal de sua poética. O imaginário e simbologia budista em *Eu* vai desde a presença da Flor de Lótus (dicotomácea da lagoa, mencionada, não incidentalmente, em Budismo Moderno), as Quatro Nobres verdades, o Monte do Abutre (lugar do primeiro sermão de Buda), entre

muitas outras. Augusto trabalha tanto o sistema filosófico oriental, quanto sua poesia sacra. Em *Monólogo de uma sombra* ele fala do “metafísicismo do Abidarma” (“conhecimento superior”), coleção de sutras que trata da psicologia, fenomenologia e cosmologia budista. A poesia budista é citada em *Agonia de um filósofo*, onde o poeta fala do Rig-Veda. Augusto usa conceitos, imagens e tropos budistas com familiaridade e conhecimento mais do que superficial. Com os bardos orientais Augusto compartilha o interesse pela metafísica, o sistema monista, o antirracionalismo, o idealismo acético e o solipsismo, marcas notórias de sua mitopoiesis. O tratamento da morte tão característico de sua poética representa o que, no budismo, constitui uma das técnicas meditativas fundamentais: a contemplação detalhada e sistemática dos aspectos internos da formação/deformação dos tecidos orgânicos a fim de se praticar o desapego e o destemor da morte, entendida apenas como uma das muitas experiências da mente fenomenal exposta no *Bardol Tholdol* tibetano.

Valmir Nascimento de Moura - UFPB

valmirnmoura@yahoo.com.br

O poder da palavra: Uma leitura Bakhtiniana do Hino X-125 do Rig-Veda

O presente trabalho tem por objetivo construir um diálogo entre a teoria da linguagem de Bakhtin e a realidade mítica dos Vedas com respeito à função da linguagem enquanto estruturadora do mundo, do sujeito e da realidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Entendemos que, como diz Eliade, “mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.” Para Bakhtin, a natureza da linguagem é dialógica, e a partir desse dialogismo, torna-se o lugar de formação dos sujeitos. É pela apropriação da linguagem que nascem os papéis e funções dos sujeitos. O saber mítico védico também aponta nessa direção. Partiremos da análise discursiva, mediada pela teoria bakhtiniana da linguagem, do Hino X-125 do Rig-Veda que trata do poder da palavra. Acreditamos que há uma troca de saberes não excludentes, manifesta em dois tipos de discursos, um mítico e outro filosófico, que se explicam mutuamente.

Zélia Monteiro Bora - UFPB

bora.sarita@gmail.com

A Representação da mulher e da natureza no Budismo Medieval

O papel histórico da mulher nas religiões tradicionais, especialmente, o Budismo e o Cristianismo é bastante controverso. Verifica-se que nos dias atuais, a evolução desse processo influenciou de forma contundente a distribuição dos papéis da mulher nas duas sociedades. No que se refere a Natureza, no Cristianismo, o seu lugar é apenas acessório, sendo vista apenas pelo seu valor utilitário. No Budismo, a Natureza é parte integrante de um todo que identifica-se com a essência divina, não existindo uma separação existencial entre o homem e a Natureza. O presente trabalho objetiva uma breve discussão sobre os dois temas vistos através do Budismo. Como ilustrações, usamos alguns exemplos comparativos com o Cristianismo. Para o presente trabalho, utilizaremos especialmente, referências bibliográficas relacionadas à textos Budistas e sociedade japonesa.

GT 4:

“Tradições da Índia no ‘ocidente’: perspectivas de diálogo”

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Lucia Abaurre Gnerre -UFPB

Este GT acolhe trabalhos que discutem trânsitos e desenvolvimentos das tradições filosóficas e religiosas da Índia fora do subcontinente indiano (como por exemplo, o desenvolvimento do Yoga no Brasil) e as apropriações e transformações das tradições indianas em países “ocidentais”, ou os diálogos destas tradições com outros sistemas filosóficos e religiosos. Também poderão se inscrever neste GT trabalhos relacionados a questões de gênero e religiosidade na Índia.

Alexandre Venâncio da Silva - UFPB

philosvenancio@folha.com.br

A religião na filosofia kantiana e sankariana

A minha apresentação tem o objetivo de analisar o sentido da palavra “religião”, dentro de uma perspectiva “fenomenológica”, entre dois polos: “ocidental” e “oriental”, com a problemática da cosmologia, e principalmente dentro da esfera hermenêutica, que

maioria dos casos tenta mitigar os papéis das divindades, no sentido participativo da criação do mundo. Baseie-me entre dois filósofos: Immanuel Kant e Srī Adi Śāṅkarāchārya. A religião aqui será discutida nos paramentos racionais (Kant) e na não dualidade (Śāṅkara) que para ambos a verdadeira religião é o sentido de aceitar-se como instrumento de sua própria criação, contendo significados legais, para o homem compreender, que não há uma separação, daquilo que esta dentro de si, com algo inatingível, onde necessitaríamos “deslocar-se” do mundo real para uma fronteira delimitada. O que é então a religião? Será apenas uma palavra com sentido “greco-latino” usado para identificar a união do criador com o ser criado, religar a terra ao céu? Ou muito mais além: “desmitificar” as capacidades humanas, de pensar que sua vontade não nasce do seu próprio desejo de alto se conhecer, sem antes conhecer o teu criador?

Aline Telles Storni - UFPB

alistorni@hotmail.com

O despertar da espiritualidade através do corpo

O objetivo desta comunicação é observar a relação entre o conceito de espiritualidade que vem sendo desenvolvido no ocidente, e a prática do Yoga na contemporaneidade. Assim, vamos apresentar alguns aspectos desta relação de experiência espiritual oferecida pelos corpos e pela natureza através do Yoga. Para tanto, vamos fazer uma revisão bibliográfica de algumas obras importantes de caráter acadêmico e científico que analisam diversas experiências com a técnica e filosofia indiana do Yoga, mais especificamente do Hatha Yoga. Para fazer esta conexão entre a prática de Hatha Yoga e o conceito de espiritualidade na contemporaneidade destacamos as obras "O Hatha Yoga dos Textos clássicos" de Alicia Souto e a obra "Respiração Holotrópica" de S. Groff.

Ana Paula Rodrigues Cavalcanti - UFPB

anapaulacavalcanti.ufpb@gmail.com

Considerações sobre a Alimentação Prasada, o Vegetarianismo e os Povos Onívoros

O simbolismo da comida prasada – abençoada pela divindade e contendo seu “favor” - nas religiões bramânicas, segundo alguns marcos teóricos, favorece o vegetarianismo como identidade social, e, conseqüentemente, a pacificidade do caráter, a docilidade das maneiras e a elevação meditativa, culminando com uma espécie de purificação espiritual. Por outro lado, há estudiosos que pedem uma comprovação histórica de tais postulados – que não existe. E vão mais além, defendendo que os povos majoritariamente vegetarianos também eram hábeis guerreiros e ambiciosos conquistadores de territórios, a exemplo da própria Índia. Entretanto, numa escala micrométrica, pretende-se demonstrar, nesta comunicação, que indivíduos e comunidades praticantes do vegetarianismo percebem seus dilemas pessoais e coletivos de maneira divergente daqueles cuja dieta é marcadamente carnívora. A concepção religiosa e filosófica sobre a alimentação de um povo forma sua identidade social e influi no seu conjunto de regras morais para convivência, baseando subsequentemente os padrões de julgamento entre culturas diferentes. Sob este ângulo, a comida prasada e o vegetarianismo anunciam os ideais, os valores máximos pretendidos pela sociedade hinduísta na esfera espiritual, moral e imagética, ansiando até validar os paradoxos que se irão verificar no percurso histórico daquele povo.

Ana Suelen Tossige Gomes - UFMG

suelenan@yahoo.com.br

Prof. Dr. Andityas Soares de Moura Costa Matos - UFMG

Upanisads: Uma visão sobre o pensamento filosófico inaugural da Índia e seus diálogos com Heráclito e Parmênides

(Este trabalho contou com o apoio financeiro da FAPEMIG, e integra o projeto Leituras Contemporâneas dos Clássicos da Filosofia do Direito.)

Os Upanisads são o ápice do pensamento védico e constituem um marco de transição entre o misticismo puro e o surgimento filosofia hindu. A partir de uma leitura analítica de doze dos principais Upanisads, com ênfase nos assim chamados ‘primeiros’, por estarem compreendidos no período de maiores mudanças sociais, econômicas e religiosas da antiga Índia (800 a 300 a.C.), buscou-se interpretar o conteúdo filosófico presente nessas escrituras e detectar suas singularidades e suas similitudes com o pensamento dos gregos antigos, em especial Parmênides e Heráclito. Com base no marco teórico da ‘época axial’ de Jaspers, partiu-se da hipótese de que o desenvolvimento intelectual ocorrido na Índia e na Grécia, simultânea e

independentemente, e devido a fatores parecidos de ordem sociológica, encontra paralelismos em suas filosofias. De fato, até o presente momento da pesquisa é possível inferir que diante da idêntica preocupação em afastamento do mito, seja pela negação da simples ritualística do Rig-Veda nos Upanisads, seja por meio da busca da arché pelos pré-socráticos, tais pensamentos se encontram em questões fundamentais tais como a totalidade e unidade do ser, ausência da dicotomia sujeito-objeto, o conhecimento enquanto via de libertação do homem, a oposição das coisas e o movimento.

Arilson Silva de Oliveira - UFPB

arilsonpaganus@yahoo.com.br

Nietzsche e o Manusmrti

O Manusmrti será uma obra de importância vital para a revalorização dos valores proposta por Nietzsche. Para tanto, comentará Daniel Halévy (historiador francês) acerca da obra indiana na vida intelectual do filósofo, que Nietzsche admira e copia inúmeros trechos da antiquíssima literatura, a qual interpreta como constituindo o soberaníssimo antídoto contra a Bíblia. À antiga literatura indiana, segundo Halévy, Nietzsche nota um olhar goetheano, cheio de boa vontade e nele ouve esse canto d'amore que o filósofo mesmo havia querido cantar. O Manusmrti é, para Nietzsche, na verdade, algo indispensável ao espírito livre, posto que a natureza é inevitavelmente um caos, uma zombaria de todo apotegma e de toda a ordem e, para aquele que cogita a instalação de uma ordem, dever-se-ia afastar-se dela e conceber um mundo ilusório; algo que o excesso de realidade presente no Manusmrti tenta elegantemente escapar ou não se motivar para tanto.

Beliza Áurea de Arruda Mello - UFPB

beliza.aurea@gmail.com

Comida na Índia: No rastro de textos religiosos

O ato de receber um convidado e hóspede (athitya) na Índia, transcende normas sociais. É memória de rituais sagrados dos tempos védicos, vê-se a presença de quem chega como mediador de mensagens dos deuses. Por isto ele deve ser respeitado e digno de todas as honras culinárias. Nos tempos védicos, o convidado era recepcionado com leite

ou iogurte acrescido de mel ou açúcar. Assim a comida , seus perfumes, seus temperos e especiarias envolvem mistérios religiosos -uma intrínseca relação com os deuses e astros .Um dos territórios mais ricos pelo aspecto transcultural é a costa de Malabar, onde convivem hindus, cristãos, romanos, árabes , gregos , o Decão , área islamizada e de indus , os Himalaias e Mumbai , lugar dos parsis ou pârâshika(povos da Pérsia) seguidores do zoroastrismo, baseada na antiga religião dos magos, o masdeísmo .As receitas culinárias são ora provenientes de documentos religiosos antigos como - Zen Avestas, Bhagavad Gita , Tripitaka os Quatro Livros Sagrados dos Vedas , ora das tradições orais.Pretende-se discutir a comida e sua simbologia em algumas partes da Índia, como rastro de um grande” texto “religioso .

Cecília Muzetti de Castro - UNICAMP

cimuz@yahoo.com.br

Yoga como prática terapêutica em pessoas com diabetes

Na última década observou-se expansão do número de publicações que avaliam o efeito do Yoga em pessoas que convivem com diabetes. Este estudo apresenta uma revisão sistemática de artigos publicados no período de 1990 a 2011 nos bancos de dados Pubmed, Embase, Ebsco e Web of Science, dos quais foram selecionados 22 artigos para análise. Verificamos que as pesquisas sobre Yoga e Diabetes são abrangentes e nem sempre explicitam as tradições de Yoga utilizadas; posturas psicofísicas, controle da respiração, relaxamento e meditação foram as técnicas mais frequentemente empregadas. A maioria dos artigos possui caráter clínico, com objetivos de medir alterações em padrões bioquímicos, antropométricos, fisiológicos; outros temas avaliados são o nível de bem estar, qualidade de vida e autoeficácia. As técnicas adotadas proporcionaram benefícios aos praticantes, no entanto, nenhum estudo seguiu os oito passos descritos nos Yoga Sutras de Patanjali, sendo possível concluir a carência de trabalhos que aprofundem de forma conceitual e filosófica a relação do Yoga com o Diabetes. Desse modo, torna-se evidente que, em futuros estudos, é importante considerar metodologias mais adequadas ao Yoga.

Dávila Maria da Cruz Andrade - UFPB

davilamariaandrade@hotmail.com

Soma x Ayahuasca: um diálogo entre as tradições dos Vedas e o Santo Daime no uso sagrado das plantas de poder

O uso sagrado das plantas de poder ou de substâncias enteógenas (manifestação interior do divino) para fins ritualísticos ou religiosos está presente desde os tempos primordiais da humanidade, nas mais diferentes culturas. No Rig Veda a presença da bebida sagrada, o Soma, é evocada por diversas vezes, associado a divindades, de modo especial a Indra, principal deus do panteão védico. O próprio Soma é tido como uma divindade tendo 114 hinos dedicados a ele. O Soma participa da criação: Indra tomou Soma para derrotar o dragão Vrtra, libertar as águas e criar o mundo, assim para os Vedas sem Soma o mundo não existiria. Nossa proposta de comunicação para este GT visa estabelecer um diálogo com a tradição do Santo Daime, religião nascida na floresta amazônica, fundamentada em práticas xamânicas de povos indígenas da Amazônia que tem como principal veículo enteógeno a bebida sagrada Ayahuasca. Assim como na cultura védica onde os mitos são narrados em forma de hinos, no Santo Daime também a dimensão espiritual é conectada por cânticos em louvor a natureza e de modo narrativo a momentos históricos da formação deste povo e mesmo da história pessoal dos componentes do culto. As plantas de poder de onde se extraem as bebidas sagradas crescem na terra, mas também podem ser associadas a astros e representarem seres divinos materializados em vegetais. A religiosidade no Santo Daime assim como nos Vedas vai além da esfera ritual e se estende ao mundo natural, neste sentido o sol, a lua, as estrelas, as águas, a terra e as plantas são sagradas assim como a sentelha do divino está presente em cada ser, toda a natureza é entendida como espaço ritualizado.

Dilaine Soares Sampaio de França - UFPB

dicaufpb@gmail.com

Maria Lucia Abaurre Gnerre

marialucia.ufpb@gmail.com

Um olhar sobre trânsitos simbólicos Afro-Indianos "Um olhar sobre trânsitos simbólicos Afro-Indianos

Esta comunicação, fruto de uma inquietação ainda incipiente, pretende analisar elementos simbólicos que fazem parte do universo das religiões Afro-brasileiras e também são encontrados no Hinduísmo. Partindo de um ponto riscado de umbanda, normalmente vinculado à entidade Pomba-gira Menina, que traz entre seus elementos o tridente de Shiva (Trishula), buscaremos apontar possibilidades de percursos e trocas simbólicas entre os dois universos religiosos mencionados. Tomaremos como respaldo

teórico a literatura histórico-antropológica, em especial as teorias que privilegiam o mito e os sistemas simbólicos.

Elana Beatriz Silva Sabino de Farias - UEPB

elanabeatriz@hotmail.com

Contraposições Políticas e Filosóficas entre Índia e Inglaterra no Contexto Histórico Colonialista

O trabalho visa à análise sobre as convergências e as divergências entre o pensamento oriental da Índia e o pensamento ocidental da Inglaterra no desenvolvimento do mundo contemporâneo. Nesse sentido, o trabalho objetiva identificar e enunciar os aspectos referentes à dimensão filosófica e à dimensão política ao longo do contexto histórico da dominação da Inglaterra sobre a Índia. A pertinente pesquisa em andamento consiste em apurar as similaridades e as diferenças entre a Índia e a Inglaterra, abrangendo: (a) os seus legados enquanto instituições políticas contrapostas; (b) os seus preceitos filosóficos e religiosos específicos; (c) as suas complexas formas de expressão cultural; e (d) as suas distintas características étnicas. Nesses termos, os contrastes ideológicos vigentes ficam revelados de modo a retratar a intervenção inglesa sobre a civilização indiana. O trabalho enuncia as dimensões filosóficas da Índia como cultura oriental de cunho espiritualista e da Inglaterra como cultura ocidental de cunho materialista. Enfim, são investigados os diferentes paradigmas relativos às concepções de guerra e paz, que sucedem constatados a partir de uma análise comparativa entre dois povos com peculiaridades marcantes no cenário mundial. Nossa fundamentação teórica conta com o apoio de: Edward Morgan Forster (1942), Joseph Lelyveld (2012), Jostein Gaarder (2000)."

Eline de Oliveira Campos - UFCG

camposeline@gmail.com

HATHA-YOGA: transmigração, transformações e permanências

O Yoga é uma prática milenar ligada a comportamentos e a modos de viver da cultura Hindu. Na transição para o Ocidente, ela foi adaptada e seus elementos foram absorvidos, reconstruídos e adaptados. No Brasil, dentre as escolas de Yoga, a que mais se difundiu foi o Hatha. Esse estudo teve como objetivo verificar se a finalidade do Hatha-Yoga – no que se refere a alcançar um equilíbrio psico-físico do praticante, usando como meio o trabalho corporal – ainda se fazia presente, apesar das variações.

Os dados foram colhidos através da pesquisa de campo, das entrevistas e da aplicação de questionários. Para embasar a análise e perceber a subjetividade do fenômeno, foi utilizada a Teoria Geral do Imaginário, formulada por Gilbert Durand. Ao final da pesquisa, percebeu-se que os praticantes provocaram a ativação de uma série de arquétipos que se agregam e despertam imagens surgidas dos seus inconscientes. Imagens essas que possuem uma profunda ligação com o corpo. Esse processo exerce influência, por um lado, no físico, melhorando o desempenho de órgãos e sistemas e, por outro, ao nível psíquico, coadjuvando a melhoria do estado psicológico, provocando bem-estar.

Fabiano Vidal - UFPB

fabianovidal.ufpb@hotmail.com.br

Semelhanças e diferenças da tese reencarnacionista no Hinduísmo e Kardecismo

O presente trabalho busca realizar uma análise acerca do tema da reencarnação tomando como referência as perspectivas do Hinduísmo em comparação com o Kardecismo. No *Bhagavadgita*, *Krsna* explica para Arjuna: “Assim como, após tirar as roupas velhas, um homem veste outras, novas, assim também, após tirar as carnes velhas, o homem se cobre com outras, novas”. Esta afirmação configura-se também como um dos princípios do Kardecismo: a reencarnação. Para Kardec, “a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, uma condição inerente à humanidade, em uma palavra, como uma lei da natureza” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, 2006, p.66). No entanto, apesar das semelhanças, encontramos diferenças substanciais que também iremos discutir em nossa comunicação.

José Carlos de Abreu Amorim - UFPB

carlosrc23@gmail.com

O schème da kudalini, caduceu e da Árvore da Vida e suas relações simbólicas

O presente trabalho propõe uma leitura do schème (Teoria do Imaginário – Gilbert Durand), da estrutura imagética presente na Kudalini, Caduceu e na Árvore da Vida e nas suas relações simbólicas com o corpo do homem e a criação, as mesmas aqui entendidas como Áxis Mundi, representações cosmogônicas de uma antropogênese, que através da base teórica Durandiana, podemos entendê-las como reflexos dominantes, que se manifestarão na motricidade, e se farão presentes em diferentes povos e culturas,

os símbolos aqui relacionados, são respectivamente, de tradição Indiana, Gréga/Egípcia e Judia. Ambas compartilhando da mesma forma e descrição simbólica.

Karina Cenci Pertile - Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa

karinapertile@gmail.com

Ayurveda e SUS: cartografia de um encontro

O Sistema Único de Saúde (SUS) vem se desenvolvendo alicerçado em diretrizes como a universalidade, equidade e integralidade, tendo a biomedicina sua racionalidade de referência teórico/prática, na qual historicamente o saber ficou centrado no combate e controle das doenças, desviando-se do paciente e sua vida. No ano de 2006, no intuito de fortalecer os princípios da universalidade e integralidade no SUS, é aprovada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PICS), em consonância com a Organização Mundial de Saúde que recomenda a elaboração de políticas nacionais, voltadas à inserção das medicinas tradicionais aos sistemas oficiais de saúde. No município de João Pessoa, um movimento pioneiro de construção de centros de referência em PICS, toma forma no ano de 2012, sendo o Ayurveda, sistema de racionalidade médica indiano, que se caracteriza por uma abordagem dos problemas de saúde em perspectiva integradora, centrada na unidade individual do doente e suas relações com seu meio, uma das terapias disponíveis para os usuários do SUS. Esse artigo discute de que forma o Ayurveda, nesse encontro com o SUS, vem dando conta de avançar na dimensão da integralidade na saúde, a partir da experiência de trabalho no Centro de PICS de João Pessoa.

Lívia Borges Lopes – Universidade Católica de Brasília

liviaborges5@gmail.com

Postulados da Vedanta: contribuições de Vivekananda para transformação social a partir do reposicionamento do sujeito diante de sua existência, significado e valores.

O conceito de unidade preconizado nos sistemas Vedanta e Yoga e largamente difundido por Vivekananda no oriente e ocidente, apresenta elementos mobilizadores de transformação pessoal e social a partir da resignificação do sujeito e de sua função na

sociedade. A partir do entendimento, da experiência e da fé, a ação do sujeito torna-se integrada e pacificadora. Noções sobre karma e dharma associados à ideia de unidade podem redirecionar o agir humano, moralmente afetado pelos rumos da sociedade pós-moderna.

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira - UFPB

claurenia@gmail.com

Yoga para crianças – uma prática em construção

Neste artigo, discute-se a prática do yoga proposta para crianças, apresentadas em livros publicados, com vistas a orientar instrutores de yoga no tratamento dos pequenos praticantes. Essas publicações, de forte apelo lúdico, aliadas aos ensinamentos da filosofia e da prática, além do forte apelo visual, investe na divulgação de uma prática prazerosa. A exemplo da produção crescente de livros de literatura para crianças, pode-se afirmar que a presença dessas publicações, centradas no interesse de envolver as crianças, aponta para o crescimento do interesse, também das crianças, pela prática do yoga.

Maria Cristina Alves de Pontes – Professor da rede pública

crystinapontes@gmail.com

HATHA-YOGA: transmigração, transformações e permanências

O Yoga é uma prática milenar ligada a comportamentos e a modos de viver da cultura Hindu. Na transição para o Ocidente, ela foi adaptada e seus elementos foram absorvidos, reconstruídos e adaptados. No Brasil, dentre as escolas de Yoga, a que mais se difundiu foi o Hatha. Esse estudo teve como objetivo verificar se a finalidade do Hatha-Yoga – no que se refere a alcançar um equilíbrio psico-físico do praticante, usando como meio o trabalho corporal – ainda se fazia presente, apesar das variações. Os dados foram colhidos através da pesquisa de campo, das entrevistas e da aplicação de questionários. Para embasar a análise e perceber a subjetividade do fenômeno, foi utilizada a Teoria Geral do Imaginário, formulada por Gilbert Durand. Ao final da pesquisa, percebeu-se que os praticantes provocaram a ativação de uma série de arquétipos que se agregam e despertam imagens surgidas dos seus inconscientes.

Imagens essas que possuem uma profunda ligação com o corpo. Esse processo exerce influência, por um lado, no físico, melhorando o desempenho de órgãos e sistemas e, por outro, ao nível psíquico, coadjuvando a melhoria do estado psicológico, provocando bem-estar.

Maronildes Felix Limeira - Secretaria de Estado de Educação - PB

maronildes@gmail.com

DEUSA KALI: um recorte da religião hindu

Uma das civilizações mais antigas do nosso planeta, a Índia é um país de contrastes, que mantém vivas até hoje muitas tradições. Kali, uma das divindades de muito respeito do Hinduísmo, tem aparência e personalidades distintas, com traços tanto de amor e delicadeza quanto de vingança e morte terrível, representando assim, sexualidade e morte. A partir de um levantamento bibliográfico, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória, em que a figura de Kali é apresentada, atentando para o culto a essa deusa na atualidade; apontando para uma comparação com a mulher indiana contemporânea. Este trabalho representa, pois, um recorte da religião hindu, que merece atenção especial dos estudiosos das religiões; afinal, a religião hindu é mais do que uma religião, é um modo de vida, as crenças são científicas e medicinais.

Maura Regina Dourado – UFPB

mauradourado@hotmail.com

Pontos de encontro entre o Hinduísmo e os ensinamentos da Grande Fraternidade Branca à luz da Summit Lighthouse

A organização espiritual Summit Lighthouse, fundada em 1958 nos EUA, cujo objetivo é publicar e disseminar os ensinamentos da Grande Fraternidade Branca, fundamenta-se em sete grandes religiões do mundo, que estão ligadas ao desenvolvimento da alma em cada um dos sete chakras principais. Dentre elas, o hinduísmo. Neste trabalho exploraremos alguns conceitos e tradições, bem como algumas deidades do panteão hindu, presentes nos ensinamentos da Grande Sol Central Fraternidade Branca, como difundidos pela Summit Lighthouse e pela Summit Lighthouse do Brasil. De forma semelhante ao Hinduísmo, a Summit Lighthouse sustenta a premissa de que latente a

cada indivíduo está o Eu Superior, que é Brahman. E que podemos não apenas nos unir a Brahman, mas tornarmo-nos o próprio Brahman - TAT-TVAM-ASI, através do Atman. A Summit Lighthouse acredita que podemos realizar o potencial divino, reconhece a trindade hindu Brahman, Vishnu e Shiva, bem como as diversas manifestações da única realidade divina nas deidades *Surya, Durga, Kali, Lakshmir, Sarasvati, Krishna* etc. Alinhada, ainda, aos preceitos de Ramana Maharshi, a Summit Lighthouse acredita no potencial de nos tornarmos um com Deus, o que para esse grande representante da sabedoria milenar da Índia no século XX, é a condição natural do homem.

Narjara Lins de Araújo - UFPB

narjaralins@hotmail.com

As dificuldades encontradas por crianças indianas e seus familiares nas escolas públicas da cidade de João Pessoa – PB: aspectos escolares, culturais e religiosos

Este artigo envolve a problemática encontrada pelos povos estrangeiros, especificamente neste trabalho, os indianos, em torno das dificuldades encontradas por sua família e principalmente filhos dentro de aspectos escolares, culturais e religiosos no universo das escolas públicas da cidade de João Pessoa-PB. O artigo aborda em seu primeiro capítulo um passeio pela cultura deste povo e o contexto geral destas dificuldades enfrentadas por estes no palco das escolas públicas brasileiras. Em seguida no segundo capítulo será delineado o desenvolvimento do ensino religioso ao longo do tempo no Brasil, visando destacar as suas propostas de ensino. Desta forma, o objetivo geral é levantar dificuldades encontradas por estes sujeitos no contexto de escolas públicas da cidade de João Pessoa-PB. E como objetivo específico fazer uma reflexão das propostas de ensino religioso, buscando a que mais abrange a diversidade religiosa destes alunos. A fundamentação teórica inclui estudiosos a cerca desta problemática como Gillborn (2000), Lopes (2006), Andrade (2012), Alves (2009) e autores especialistas no ensino religioso, como Figueiredo (2002), Junqueira (2002), Silva (2010) entre outros. Com os resultados busco trazer reflexões que incentivem a conscientização de toda a comunidade escolar que acolhe em todos os aspectos alunos de origem estrangeira, especificamente os indianos.

Neusa Valadares Siqueira – Puc Goiás

neusavaladares@hotmail.com

O Direito na Índia e o Código de Manu.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a distinção entre o Direito Indiano e o Direito Hindu. O Direito indiano é um direito do Estado indiano, direito este que se aplica a todos os habitantes da Índia independente da sua religião. O Direito hindu se aplica apenas a comunidade hindu. A partir da liberação do governo britânico em 1972, em que determinava que todos os processos relativos a sucessões, casamentos, castas e outros fossem aplicadas as próprias leis dos hindus tornou-se indispensável o estudo para tradução dos livros sânscrito nos quais estavam codificadas as “leis hindus”. Os livros eram chamados de “tratados de dharma” que posteriormente os tradutores ocidentais elaboraram a seguinte equação: Tratado de dharma=livre de Direito, código, e dharma=Direito. O direito hindu, na Índia atual, tende a ser substituído por um direito laico de aplicação nacional, direito esse inspirado em grande parte pelo common law. A criação de um Estado moderno e eficiente, bem como a instituição de uma verdadeira Democracia num país de mais de um bilhão de pessoas, com a correspondente superação das gigantescas desigualdades sociais, econômicas e etno-culturais que ainda persistem por todo país, é indispensável a criação de um sistema jurídico laico de abrangência nacional.

Raphael Lugo Sanches - UFGD

raphaelhistorias@hotmail.com

É Yoga ou Ióga? Considerações a respeito de algumas representações do Yoga no Brasil

Atualmente a palavra Yoga tem sido amplamente empregada e disseminada no Brasil e por isso mesmo passou a representar várias coisas diferentes daquela que designava em sua matriz-indiana. Nas duas últimas décadas, o processo de transculturação do Yoga foi acentuado no país; por meio dos mais diversos meios de comunicação, ele passou a ser representado através de associações correlatas à prática de saúde, ao bem-estar do corpo físico, terapia holística e ginástica oriental, em consonância à sua desvinculação enquanto uma tecnologia de autotranscendência vinculada a espiritualidade hindu. Muitas revistas fortaleceram e propagaram essas representações do Yoga como prática de saúde, especialmente através da exposição de corpos esbeltos e esculpidos executando posturas do Yoga nas capas de suas edições, com especial ênfase ao público feminino. Nas matérias e reportagens, os destaques quase sempre recaem sobre os benéficos físicos oriundos de sua prática, completando essa associação e atenuando o propósito original do Yoga, que sempre esteve conexo ao aspecto espiritual da

existência humana. Dessa forma, no presente trabalho são levantados alguns questionamentos referentes às representações e associações que vêm sendo feitas em relação ao Yoga no Brasil nos últimos anos. Através da análise de capas de revistas especializadas e não-especializadas em Yoga, busca-se compreender o processo pelo qual um elemento da espiritualidade hindu passou a ser representado e entendido como uma prática terapêutica e meio para obtenção de bem-estar físico.

Rayssa Croline Ribeiro de Araújo - UFPB

rayssacra@gmail.com

Bhagavadgita - Capítulo VII

Nesta comunicação apresentarei uma breve análise do capítulo sete do livro Bhagavadgita, considerado o mais importante livro da tradição hindu, buscando observar os inúmeros aspectos que o deus Krishna atribui a si mesmo em seu discurso. Também investigarei como seu discurso neste sétimo capítulo, em diálogo com o guerreiro Arjuna, inspirou o cantor Raul Seixas a escrever uma de suas mais famosas músicas – Gita, e como este épico hindu foi assim incorporado à cultura popular brasileira.

Roberto S. de Miranda - UFPB

robertosansao@gmail.com

O mantra como caminho de transcendência e religiosidade popular: Índia e Nordeste do Brasil.

O seguinte trabalho tem como objetivo central apresentar alguns aspectos da tradição dos mantras dentro da cultura indiana (onde tem um caráter sagrado), bem como seus usos entre os praticantes de Yoga na cultura brasileira contemporânea. Assim, vamos analisar tanto a história e a tradição de alguns dos principais mantras da Índia, em obras clássicas que debatem seus significados, como vamos fazer uma breve análise do processo de popularização dos mantras Brasil, especificamente no nordeste, onde estes mantras tem sido difundidos como uma prática de harmonização do corpo e da mente. O trabalho é resultante de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB.

Thiago Pelúcio Moreira - UFPB

tpelucio@gmail.com

Ricardo Sousa Silvestre

O conceito de felicidade na Bhagavad-Gita: similaridades e contrastes com o paradigma hegemônico no Ocidente.

A Bhagavad-Gita é um clássico épico da literatura, filosofia e religiosidade da Índia que aglutina a licença poética de uma escritura milenar com a clareza e aplicabilidade exigidas a um tratado filosófico-religioso universalista. Por ter um enredo histórico que remete à situações de conflitos existenciais da contemporaneidade, seus ensinamentos e valores são vasto manancial para questionamento da razão de se estar e viver no mundo. O objetivo do presente trabalho é portanto discutir o conceito de felicidade que permeia a Bhagavad-Gita comparando-o com o referencial de felicidade hegemônico na sociedade atual. A noção mais próxima do que se convencionou chamar de felicidade está presente na Gita principalmente na terminologia sânscrita sukha. A experiência da felicidade, de acordo com a Bhagavad-Gita, pode se expressar em diferentes níveis, podendo variar em intensidade e constância de acordo com o envolvimento do sujeito com os gunas, ou arquétipos de pensamento / comportamento que predominam. Espera-se com este trabalho contribuir para a melhor compreensão do conceito de felicidade na Bhagavad-Gita e sua aplicabilidade na atualidade.

Tiago Deividy Bento Serafim - UFPB

tiagodeividy@gmail.com

O Budismo e o Sentido da vida: Uma análise de parábolas budistas através da Logoterapia

O presente estudo faz um estudo comparativo entre conceitos presentes no Budismo e na Logoterapia de Viktor Frankl. A primeira parábola analisada foi “A semente de mostarda”, que conta a história de uma mãe que não conseguia suportar a dor de ter perdido um filho. Utilizou-se o sentido do sofrimento para compreender o texto. “O

homem bom” foi a segunda parábola estudada, tratando-se de um homem que buscava a iluminação como meta, e não como consequência de seus atos. Para analisar essa parábola foi usado o conceito de autotranscendência de Frankl. Por fim, o “Céu e o Inferno” foi a última parábola trabalhada neste artigo, tratando-se de um homem que questionava a sua vida diante da finitude. Foi utilizado o Sentido da Morte para analisar esta parábola. Pode-se concluir neste estudo que, através de análises de parábolas budistas, a Logoterapia de Viktor Frankl e o Budismo se assemelham em três conceitos: O sentido da morte, o sentido do sofrimento e a autotranscendência. Também pode-se observar a semelhança da busca pelo sentido através do olhar para o passado, como no caso da busca pelo conhecimento através das parábolas budistas. O passado é sempre uma fonte de conhecimento fundamental para o presente. O conhecimento para o Budismo é o que livra o homem da ignorância. Assim, longo da nossa trajetória vida devemos acumular conhecimento.

Vânia Cristina Lucena Lima - UFPB

vanialucky@gmail.com

Maria das Graças Lucena - AYPB

Berta Lúcia Pinheiro Klüppel – UFPB

Yoga como caminho de elevação da Qualidade de Vida: Recortes da História do Yoga na Paraíba

Este trabalho derivado da Dissertação do Mestrado em Ciências das Religiões: O Yoga como Caminho de Elevação na Espiritualidade e na Saúde aborda a história do Yoga na Paraíba sob a perspectiva de duas professoras que há mais de cinco décadas o praticam e ensinam: Ada Zenaide e Cristina Abreu. Pela técnica de História Oral colheram-se relatos de como conheceram, ensinam e o significado do Yoga em suas vidas. Ada Zenaide conheceu o Yoga na década de 1950 em um livro de Chiang Sing. Começou a praticar sozinha, escondida, seguindo as informações do livro. Na década de 1960, encontrou a mestra Maria do Carmo Galvão, aluna de Hermógenes. Considera que essa prática trouxe para sua vida o encontro com Deus, renascimento e libertação. Cristina Abreu, em 1958, conheceu o Yoga na cidade de Areia, PB. Posteriormente, convalescendo de anemia profunda, no Rio de Janeiro aprendeu e praticou com Hermógenes estabilizando sua saúde. Entre 1960 e 1970, frequentou grupos de Hatha Yoga em Recife e em João Pessoa onde encontrou mestras condutoras de grupos em diferentes locais. Formou seu primeiro grupo no CERTREMAR apoiada pelo bispo D. José Maria Pires, que dele participava. Considera que o Yoga salvou sua vida.

